

As  
PORTAS  
DO  
MAGMA

Miguel Carqueija  
Jorge Luiz Calife

*Scarium*

# **AS PORTAS DO MAGMA**

## **MIGUEL CARQUEIJA E JORGE LUIZ CALIFE**

*Os ebooks editados pela Scarium/Textus. Textos são publicados com autorização dos autores para distribuição pela Internet e o copyright permanece na posse do autor. A cópia, o aluguel ou qualquer outra transação com intuito comercial está expressamente proibido.*

Editor: Marco A. M. Bourguignon  
Versão E-book Scarium - 2008  
Edição nº : SC-5-08/2005  
Rio de Janeiro – RJ - Brasil

## PREFÁCIO

De vez em quando, encontramos nas livrarias lançamentos de “obras inacabadas” de algum autor já falecido. Nestes casos, trata-se, geralmente, de um autor famoso cujo nome justifica comercialmente a publicação de seus contos, novelas ou artigos inacabados, sejam eles finalizados por outro escritor ou mesmo lançados com o desfecho em aberto. Entretanto, acredito que a maioria, senão a totalidade, dos escritores tem obras que foram iniciadas e, por uma ou outra razão, não foram adiante, ficando esquecidas no fundo de gavetas ou em HDs de computadores.

Este foi o caso do conto AS PORTAS DO MAGMA que, segundo me falou o Miguel Carqueija, foi por ele iniciado há cerca de vinte anos e nunca concluído.

Há poucos meses, Carqueija propôs sua continuação ao escritor Jorge Luiz Calife que prosseguiu a narrativa.

O resultado foi uma homenagem aos antigos enredos de histórias que falam da existência de mundos e civilizações desconhecidas existindo, despercebidos, sob a superfície da Terra. Como exemplos destes, temos o clássico de Julio Verne, Viagem ao Centro da Terra, as histórias de Pellucidar, de Edgar Rice Burroughs, e os infames “subterrâneos”, da série de TV japonesa Nacional Kid, aqui citado em virtude da paixão do Carqueija por séries japonesas.

Carqueija e Calife procuraram abordar o tema com uma nova roupagem, situando-o no contexto atual dos problemas ambientais, energéticos e políticos, inserindo, em passant, umas pitadas de mitologia.

Espero que vocês aproveitem a história e se divirtam tentando descobrir quais partes foram escritas pelo Carqueija e quais tem origem nas idéias do Calife.

**José dos Santos Fernandes**

## AS PORTAS DO MAGMA

### Miguel Carqueija e Jorge Luiz Calife

*Como! — gritei. — Estamos envoltos por erupção vulcânica? Prestes a ser atirados às lavas incandescentes, das rochas em chamas, das águas ferventes, de todas as matérias eruptivas! Vamos ser impelidos, expelidos, vomitados, propulsionados pelos ares como estilhaços de pedras, entre chuvas de cinzas e de escórias, num turbilhão de chamas... e é isso o melhor que nos pode acontecer?*

*Júlio Verne, VIAGEM AO CENTRO DA  
TERRA, cap. 43*

## CAP. I

### A MISTERIOSA VISITA

Não há ninguém mais conservador que um escritor de ficção científica. Sua vida pode ser inferior à média em termos de mediocridade. A minha era prosaica e rotineira, como vinha sendo há muitos anos, até aquele dia em que, sem aviso prévio, um estranho fator surgiu e... mas não antecipemos.

Visualize comigo – oh, não faça cerimônia! – a copa da minha casa de subúrbio, que por sinal não é minha, mas de minha irmã e meu cunhado. Não sendo dependente de horário fixo, não costumo levantar muito cedo e por isso geralmente tomo o desjejum sozinho. Digo desjejum deliberadamente, e não café da manhã, pois detesto café. A meu ver, faz muito mal à saúde. De qualquer modo, diante de uma espaçosa mesa de fórmica, eu tinha pela frente uma xícara com chocolate quente, torradas com requeijão, uma lata com biscoitos variados e um pires com azeitonas, além da vasilha de

manteiga. Gosto de ser metódico e tranqüilo às refeições, para não ficar com intensão (1). Agora, por exemplo, coloco uma fatia de requeijão Catupiry na torrada de pão de forma, cortada ao meio; saboreio o sanduíche assim construído enquanto aguardo que o chocolate esfrie mais um pouco. Não gosto de líquidos excessivamente quentes. Então tomo um gole de chocolate, enquanto reflito se pegarei um biscoito doce ou salgado. Calma, não se impaciente! Chegaremos aonde você, que lê, quer e deseja. Queria que você compreendesse o que é tomar uma refeição calma e relaxada, sem pensar no relógio...

Mas nessa altura a Sofia se introduz na copa e interrompe meu devaneio gastronômico:

— Seu Adirson, há uma moça querendo falar com o senhor. Deu o nome de Ruth.

Eu tinha ouvido latir o Maltês, ainda há pouco. Percorri rapidamente a memória mas não encontrei nenhuma Ruth de importância.

— O que ela quer?

— Não sei. Está insistindo muito em falar com o senhor. Cá para nós, eu não a receberia. Ela é muito esquisita.

Também achei esquisita a opinião de Sofia, que não tinha o costume de censurar as nossas visitas.

— Esquisita? Por que você acha isso?

— É que ela... é... Jesus, é tão difícil explicar!

Fiquei olhando para ela, à espera de que contornasse a dificuldade. Afinal ela balbuciou:

— Bem, como direi... ela parece chinesa, mas não é.

— Hein?

— É como eu disse. Não é chinesa.

— Não faz mal. Hoje não faço questão de receber chinesas. A esquisitice é isso?

— Não só isso... ela é... hum... cheia de pontas...

Comecei a achar que a nossa governanta estava variando, mas ela prosseguiu:

— A roupa dela é esquisita. Parece que veio de outro planeta. O sotaque é esquisito, não sei de onde é. O olhar é esquisito.

— Tudo nela é esquisito?

— Sim senhor. Principalmente as pontas.

— Mas que pontas são essas, pelo amor de Deus?



— Nas orelhas, no nariz... o corpo dela é pontudo. Nunca vi ninguém assim.

— Bem, mande-a aguardar que eu já tive a curiosidade despertada. Ela está aonde?

— Na varanda. O senhor sabe que não se deve deixar que gente estranha entre em casa.

Ah, as preocupações da Virgínia e do Hildebrando! Realmente a vida está muito perigosa, mas será preciso temer tanto uma moça que vem sozinha nos procurar? Não teria ela mais motivos para o medo? Devia ser uma fã, das raríssimas que eu tenho, pois a ficção científica não é rock, mas pode ensejar alguma popularidade. Nos Estados Unidos é mais fácil: está aí Ray Bradbury para atestá-lo. Não sou Bradbury, talvez tenha uma meia dúzia de fãs.

— Está bem. Diga-lhe para esperar dez minutos.

Tinha um certo escrúpulo em convidar uma estranha para comer comigo, por isso apressei-me, coloquei uma roupa melhor e fui ao seu encontro.

Abri a porta, deixando sair o Maltês, que é bastante inteligente para não morder as visitas. De resto, é um “collie”, que não mete

muito medo por sua fama de bom caráter (aliás justificada).

A moça recebeu-o com manifestações de carinho. Aproveitei para examiná-la rapidamente. Concluí que Sofia tinha exagerado, ainda que a roupa fosse mesmo extravagante, mas já vi coisas muito piores em musicais da tv. A blusa era vermelha, encarnada, com golas brancas, as calças eram verde-garrafa mas ambas, lustrosas, como se fossem de plástico; os sapatos eram fechados, brancos e ligeiramente pontudos. Quando se voltou, vi que o seu cabelo curto e preto avançava numa ponta no alto da testa.

Ela se ergueu e sorriu.

— Adirson Sorel?

— Ele mesmo – aguardei, esperando que ela não reparasse o meu interesse pelas suas pontas.

— Preciso *muito* falar com você. Nem queira saber como eu preciso.

O sotaque dela era — como dizer? — melódico, musical. Extremamente agradável. O rosto também era agradável, apesar das pontas. De fato as orelhas faziam pontas para

cima, mas quase imperceptíveis. Sofia era muito observadora.

— Mas de que se trata? Ei, Maltês, chega!

Ele já estava pulando nas pernas dela. Geralmente não é tão expansivo com estranhos.

Ela se abaixou, continuando as festas.

— Eu gosto muito de cães.

— Estou vendo. Bem, vamos entrar.

Ela seguiu-me até o meu gabinete particular. Sentei-me atrás da escrivaninha e observei-a na poltrona, colocando sua tiracolo sobre uma mesinha. Uma tiracolo pontuda.

— Eu li o seu livro “Vírus lunar” e gostei muito – começou ela. – Você tem uma imaginação fértil e poderosa.

— Talvez. Mas eu mesmo não gostei muito do livro...

— Creio que você é um dos melhores escritores de ficção científica da época.

— Na verdade existem muito melhores, como o Arthur C. Clarke...

— Sim, eu também aprecio a modéstia. Mas não devo perder tempo com prolegômenos. Vim fazer-lhe uma proposta extraordinária.

— Sim? – procurei adivinhar o que fosse. Talvez uma proposta de casamento. Tudo é possível, por parte de fãs adoidadas. Seria uma “hyppie” anacrônica? Eu não pudera deixar de notar a ausência de cerimônia com a qual ela se dirigia a mim.

— Essa proposta – prosseguiu Ruth – levá-lo-á a sair do seu conforto e sua rotina habituais. Por falar nisso, você tem uma bela casa.

— Não é minha. É de minha irmã e meu cunhado. Moro com eles porque sou solteiro e ajudo com as despesas, mas procuro envolver-me o menos possível com a família.

— Mas é um pouco sua. É o seu lar.

— Admito que gosto daqui.

(Continuava a esperar o pedido de casamento para qualquer momento; como é que eu iria me sair daquela?)

— Bem, Adirson, a proposta é essa: preciso, por uma série de razões, que me acompanhe até a minha terra.

Certamente era uma forma original de propor matrimônio a alguém. Ou talvez dispensasse essa formalidade. Bem dissera Sofia que a moça era estrangeira. Ruth. Talvez

judia ou libanesa, ou turca quem sabe. Não sou muito bom em distinguir nacionalidades.

Resolvi encurtar o assunto.

— Lamento, Ruth. Como eu lhe disse há pouco, sou solteiro, mas pretendo ficar assim por mais uns cinco anos. Não fiz ainda um bom pé-de-meia.

Ela olhou-me com os olhos negros – olhos impressionantes, lindos – repletos de espanto?

— Do que está falando? Eu não estou pensando em casar com você!

— Aí mesmo é que eu não posso acompanhá-la. Compreenda a minha posição: sou católico, não posso me unir a ninguém sem casar na Igreja.

Esperava assim contornar a situação embaraçosa.

Ela não se conteve e pôs-se a rir, com a mão direita sobre os olhos.

— Oh, o que você está pensando! Ora, pare com isso e me escute!

“Adirson Sorel: o que eu quero é que você ajude o MEU POVO. Você foi escolhido, selecionado após MADURO

EXAME. Pois bem. Onde você pensa que eu nasci, pergunto?

— Talvez na Capadócia? – sugeri, meio brincando.

— Em Chatlap.

— Nunca ouvi falar.

— E nem pode ter visto nos mapas. Pois essa é uma terra que fica abaixo da superfície.

— O que?

Ela se ergueu, como para prevenir uma reação adversa ou manter o controle psicológico da situação, e prosseguiu:

— Existe um mundo abaixo da superfície da Terra. Sim, um mundo subterrâneo. Júlio Verne, que você tanto admira, estava certo. Pois bem: apesar de vocês, da superfície, nos ignorarem, existe um relacionamento entre os dois mundos. Nós dependemos da estabilidade da superfície. Vocês, em grande parte, dependem de nós também. Você é um escritor de ficção científica, brilhante, tem a mente aberta e é um repórter ideal para testemunhar e documentar fatos que o seu mundo ignora e que provavelmente terá de saber em breve. Em parte, é para isso que eu vim chamá-lo.

Tornou a sentar. Enquanto eu refletia se devia chamar gente da psiquiatria, ou como poderia convencê-la a se retirar pacificamente, surgiu Virgínia pela porta deixada aberta. Ela chegara da escola, pois fôra levar as crianças.

Apresentei Ruth como uma fã que viera me visitar. Virgínia falou amavelmente com ela e se retirou para que ficássemos à vontade.

A ligeira interrupção dera-me tempo de pensar. O que eu tinha a fazer era interrogá-la sutilmente.

— Diga... mas o seu nome é mesmo Ruth?

— Não. Meu nome é Avith... um tanto estranho para vocês, daí o pseudônimo que usei.

— E você mora em que bairro?

— Eu não moro no Rio de Janeiro. Nem estou hospedada em lugar nenhum. Estou com o meu camadomóvel à espera para nos levar.

— Seu o que?

Ela abriu um largo sorriso.

— Camadomóvel. Um veículo que se move entre as camadas geológicas.

— Através de rocha e tudo?

— Nem queira saber. Por um processo vibratório, maravilhoso, o camadamóvel abre caminho... estou vendo que não me acredita.

vNão estou plenamente convencido, de fato.

—n Pense, homem. Vocês conhecem muitos tipos de veículos. A maioria anda na superfície do planeta, no meio gasoso mas em cima do sólido. Contudo as embarcações também navegam em meio ao ar, mas apoiando-se no líquido. Aviões e balões passam por um meio totalmente gasoso; os submarinos, por um totalmente líquido. Também é possível mover-se sobre o fundo dos mares, em meio à água mas sobre o sólido. E as naves espaciais atravessam o vácuo, isto é, um meio mais hostil ainda. Nunca lhe ocorreu que é possível locomover-se também no sólido?

— Mesmo sendo escritor de ficção científica, creio que nunca.

— Você verá com seus próprios olhos. Agora, tenho certeza de que não acredita numa vírgula do que eu lhe disse até agora.



— Não, pelo contrário, acredito. Só que não estou disposto a sair da superfície terrestre. Nós, autores de FC, somos na verdade muito despretensiosos.

Ela sorriu. Puxa, mesmo os seus lábios formavam pontas bem pronunciadas nas extremidades! Contudo era bonita... de uma estranha beleza.

— Vou lhe dar uma prova.

Tinha vários anéis, nos quais eu mal havia reparado até aquele momento. No anular, no indicador, no médio... e nas duas mãos. Seis ao todo. Retirou graciosamente o anel amarelo do dedo médio esquerdo e rapidamente esfregou-o. Ele tornou-se azulado e adquiriu uma luz piscante. Então ela deu um pequeno impulso e o anel veio planando incrivelmente diante de meus olhos assombrados.

— Mas...

— Olhe à vontade, Adirson. Não se assuste. É apenas um bumerangue aperfeiçoado.

Após algumas voltas, quase parado no ar, diante do meu nariz, o estranho “bumerangue” voltou obedientemente ao dedo de sua dona (sic).

Seguiram-se alguns instantes de silêncio.

— Então? Agora você acredita?

— Não sei...

Que mais poderia dizer?

Esforcei-me por manter o autocontrole e a objetividade, e fiz a pergunta que já deveria ter sido feita antes:

— O que é que você – ou vocês – esperam de mim?

— Queremos que nos ajude a impedir a abertura das portas do magma.

## CAP. II

### A CAMADA FERVENTE

O silêncio retornou. Era preciso algum tempo para pensar nas implicações de uma tal declaração. Finalmente, encarando aquela figura que se conservava mortalmente séria diante de mim, prossegui o diálogo:

— O que é que você quer dizer com isso?

— abe o que é magma, não sabe?

— Claro. É material em estado de fusão, do interior da Terra.

— Pois bem. O que você não sabe, Adirson, é que existe há séculos um delicado sistema de proteção e de contenção desse magma ardente, que poderia facilmente, pela pressão, extravasar para áreas habitadas do interior e do exterior da Terra e para o fundo dos mares. No momento presente, vemos que as inúmeras explosões atômicas experimentais realizadas pelos Estados Unidos, Rússia, França e outras potências abalaram gravemente o mecanismo de segurança das comportas do magma, o que tem provocado terremotos violentos como o do norte da Itália em 1976, os que se seguiram, os recentes no Japão, bem como os maremotos e tsunamis. Também o nosso mundo subterrâneo tem-se ressentido muito com semelhante descalabro. A estabilidade do planeta, meu caro, está comprometida. É essa a gravidade do assunto que vim lhe trazer. O que mais você quer saber para concordar em nos ajudar?

O tom solene e apocalíptico partindo daquela garota “cheia de pontas” tinha qualquer coisa de surrealista. Eu já não sabia ao certo o que dizer.

— Mas...

— Então?

— Mas uma coisa tão grande... o que EU poderia fazer?

— Pode parecer loucura, mas pessoas como você podem ajudar... mais do que os políticos, que em geral só atrapalham.

— Você quer dizer que eu daria a notícia... mas e se me internarem como louco?

— Você trará provas concretas. Penso que o isolamento dos nossos dois mundos está para acabar.

— Mal posso imaginar as consequências de uma tal revelação...

— O choque seria apenas no seu mundo. E alguns de vocês já sabem.

— O que?

— Ouvi dizer, por exemplo, que o Papa sabe; o Dalai Lama idem; mas não sei se é verdade. Certos chefes militares e políticos

conhecem a nossa existência, como um segredo guardado a sete chaves. E mais: há certos interesses econômicos, no seu mundo, contrários á estabilização que nós desejamos.

vNão sei se compreendo tudo o que você me diz,

— Não precisa compreender tudo; o resto você compreenderá no meu mundo. Agora você virá comigo, pois o meu tempo é limitado e já o gastei bastante.

Eu ainda não sabia se acreditava em tudo aquilo, mas compreendi que a fase da conversa terminara.

— Mas como eu posso acompanhá-la assim de uma hora para outra? E que é que eu vou dizer ao pessoal aqui?

— Nós simplesmente mostraremos a eles o camadamóvel. Terão de acreditar na evidência.

— Não sei! Não se fazem as coisas assim no *meu* mundo! Eles vão ficar apavorados, não sei nem como é que irão reagir!

— Tentarão impedi-lo de ir?

— Não... acho que não. Mas e o choque? Não é todo dia que um parente da gente

é levado para o centro da Terra a bordo de um camadomóvel. Quero ver primeiro esse troço.

— Aconselho-o antes, Adirson, a juntar tudo o que você precisará. Papéis, canetas, gravador, máquina fotográfica, o que for preciso. E roupas, é claro. Você está saindo para uma viagem.

— Não preciso de muita coisa, mas... onde é que está o seu veículo?

Eu só acreditaria plenamente depois de vê-lo.

— Está camuflado pela terra, atrás dos tomateiros que vocês cultivam. Eu tenho um controle remoto para fazê-lo aflorar, e isso será feito na hora do embarque.

— E quanto tempo eu deverei ficar no seu mundo?

— Cerca de duas semanas será o suficiente. Assim acredito.

— Eu queria ver primeiro o veículo. Creio que é um direito meu.

— Você o verá antes de embarcar. Decida-se, Adirson. Não temos o dia inteiro. Precisamos aproveitar a relativa calma da tetosfera.

— Da que?

Avith riu de novo, com música na voz.

— Tetosfera. A camada-teto. Em Chatlap chamamos assim a parte de cima... sobre a qual vocês pisam.

— E que história é essa de períodos de calmaria?

— Porque nem sempre as condições são favoráveis ao mergulho vertical, é claro! E agora você deve vir comigo sem fazer mais perguntas, pois todas elas eu responderei depois: é que agora não devemos nos retardar!

Levantou-se, como dando por encerrada a discussão, rodeou a mesa e eu me ergui, sem saber ainda o que fazer ou o que esperar dela. E Avith confidenciou-me:

— Não tema. Meu povo é bom. Nós não temos guerras e você será recebido como um filho. Veja, ofereço-lhe a minha amizade.

Dizendo isso, beijou-me as duas faces. Depois retornou ao seu lugar e disse sorrindo:

— Apronte uma bagagem. Deixo a seu critério a maneira de informar sua irmã. Afinal, isso compete a você. Quando a sua bagagem estiver pronta, trataremos disso. Mas não se demore! Não vou ficar repetindo!

Que faria você no meu lugar?

## CAP III

### VIAGEM ATRAVÉS DA ROCHA

Não me agrada muito descrever a reação de Virgínia, que desmaiou e teve uma crise histérica, secundada pela Sofia. O camadomóvel existia, era um cilindro bem maior que um automóvel comum, pontudo na frente (sic) e chato na parte de trás. A forma de um lápis de grossura excepcional, com duas portas para os assentos. Quando finalmente ele foi aberto, Avith insistiu para que não perdêssemos tempo.

— Sei o que estou dizendo. Virgínia, se você ficar retardando o seu irmão poderá com isso prejudicar a todos nós: ao seu mundo e ao meu.



— Mas... mas... você vai cuidar bem dele?

— Farei o possível. Não se preocupe. Reze por nós e confie, você terá notícias antes de um mês. Em quinze dias se possível, é o nosso cálculo.

Avith puxou-me para o veículo e, sentada junto aos comandos, jogou um beijo para as mulheres e apertou um botão, fazendo correrem os vidros. Eu me despedira da melhor forma que pudera, e que não me satisfazia, mas que mais poderia fazer? Tudo tinha sido muito em cima.

Os instrumentos do camadomóvel eram bem diferentes daqueles que existem em automóveis. Avith, porém, conhecia-os bem. Assim eu esperava: não poderia fazer nada se ela falhasse.

A máquina começou a vibrar. A vibração passou para o meu corpo, chegando-me até os ossos. Uma angústia tomou conta de mim: temia algum dano em meu organismo.

Avith disse: — Não se assuste. Isso logo passa.

O veículo inclinou-se para a frente; seu nariz pontudo atingiu a terra e começou o

mergulho. Acenei para Virginia e Sofia, e num abrir e fechar de olhos nada mais se via à nossa volta, a não ser escuridão.

Entretanto umas esferas situadas na concavidade frontal da cabine começaram a emanar uma suave luz rósea.

“Eu devia ter lido o “Tarzan no centro da Terra”, pensei idiotamente. A questão da gravidade chamou minha atenção.

— Nós não cairemos sobre esses vidros?

— Não porque o camadomóvel possui atração própria superior à força de gravidade. Você está como num trem e pronto.

— Como você pode guiar isso? Afinal, minha vida está em suas mãos.

— Você verá, Adirson.

Era um sonho sem fim. Agora o breu das janelas ia-se dissipando e incrivelmente a rocha começou a se tornar visível. E com ela nossa velocidade tornou-se evidente. Devíamos estar atravessando a rocha viva. Os veios apareciam, as cores eram diversas, não apenas o cinza, prateado ou negro, ou pintalgado, mas cores vivas como o escarlata, o lilás, o amarelo.

Súbito pareceu-me ver água, em ligeira agitação.

Ela explicou:

— Água, mesmo. Até petróleo nós podemos atravessar... mas não creio que haja por aqui,

Eu silenciara. Estava abismado, estupidificado.

.....

Súbito, um sacolejão; a visão de cortina deu lugar, por uma fração de segundo, a uma minúscula furna. Logo estávamos de novo em contato direto com as camadas.

— Uma falha geológica, Adirson. Ou seja: um bolsão, onde nada existe... talvez nem mesmo ar. Falhas assim, se forem maiores, podem ocasionar abalos sísmicos, por causa da eventual acomodação das camadas.

— Você entende bastante desse assunto, não é?

— Tive de estudá-lo especialmente. Nada de extraordinário.

— E quanto tempo essa viagem vai demorar?

— Você deve considerá-la como uma viagem internacional. A Terra tem um diâmetro de 13.000 quilômetros aproximadamente, e a nossa viagem nos levará a pouco mais de 700. Portanto, muito antes do centro da Terra a 6.500 quilômetros.

— Vocês já foram ao centro da Terra... o centro mesmo?

— Ainda não. Continua sendo um mistério. Compreenda, é muito quente e estranhos fenômenos ocorrem quando nos aproximamos.

— Por exemplo?

— Desestabilização do camadomóvel por efeito da distorção gravitacional.

— Bem, eu suponho que no centro mesmo a gravidade é zero.

— Assim deve ser. Mas existe também o calor que aumenta de maneira infernal nas camadas mais baixas. Os melhores centronautas conseguiram uma aproximação máxima de 2.800 quilômetros do centro

planetário, para que você possa calcular o quanto ainda estamos longe de lá chegar.

— E existe fauna lá por baixo?

— Evidente que sim, e flora também.

E água potável. Pode crer que é um belo mundo.

— Mas você não respondeu, quanto tempo vamos levar?

Tivemos um outro tranco, esse mais forte que o anterior, e meu coração disparou aos pulos.

— Agüente firme! Isso às vezes acontece... olhe, mais uma hora e deveremos chegar.

— Estamos no Sial ou no Sima?

Ela riu.

— A Geologia de vocês está muito furada, Adirson. Você terá de esquecer muitos conceitos da superfície. Por exemplo, existe uma camada de ouro no interior do mundo.

— O que?

— De ouro, sim; Mas essa notícia não espalhe. Faria cair o padrão monetário lá em cima.

— Vocês usam dinheiro também?

— É claro. Mas conosco as coisas são mais simples. Vocês fizeram um cipoal monetário, meu Deus.

— E essa história das portas do magma? Como é que isso se explica verdadeiramente?

— Atenção, Adirson! Manobra difícil agora: uma fenda!

Uma sensação de queda, de choque. Um tranco forte, de novo. Mas dessa vez o veículo custou a pegar.

— O que acontece – explicou ela – é que passamos por um espaço tão grande que o camadomóvel caiu e bateu na rocha, só não sendo danificado por estar envolto num campo vibratório. Temos que penetrar de novo no solo, só isso.

Lembrei-me de começar a tomar anotações em taquigrafia. Teria assunto para um livro inteiro, no mínimo!

Ela olhou com atenção o que eu fazia e sorriu:

— Você pode anotar agora a nossa passagem pela ourosfera.

— Vamos mesmo atravessa-la?

— Que dúvida! Falta pouco agora!

Ourosfera! Estaria eu insano, acromaniáico? Seriam reais as coisas que eu via e constatava a cada momento?

No entanto logo as infiltrações amarelas se tornaram evidentes e foram-se intensificando. Logo, logo, parecíamos mergulhados num oceano amarelo. Bilhões de toneladas de ouro, numa camada concêntrica do globo terrestre! Loucura!

Eu já não tinha palavras.

O riso de Avith fez-se ouvir como o rumorejar de um regato de águas cristalinas. Ela se divertia com minhas reações;

Um pensamento curioso atravessou a minha mente. Poderia me acostumar, depois dessa aventura, a passar sem ouvir aquele riso?

Reprimi esse movimento do coração. De qualquer forma era muito cedo. Havia muita coisa para resolver.

— Você está muito calado, Adirson!

— Foi esse ouro... nunca imaginei isso.

— Já está escasseando. Entre nós o ouro vale pouco...compreende porque?

Lembrei-me, quase tardiamente, da máquina fotográfica. Consegui bater um instantâneo das últimas manchas amarelas, sem esquecer, felizmente, do “flash”, necessário naquele ambiente.

Voltei-me para Avith. Já não conseguia fita-la sem uma perturbação íntima, secreta. Só que, por ora, ela tinha que permanecer secreta.

— E agora?

— Estamos nos aproximando. Resta um trecho meio monótono agora.

— Monótono? Você disse monótono?

Ela tornou a rir. Eu anotava mentalmente cada riso.

— Pelo menos para mim, Adirson.



## CAP IV

### O INTERIOR DA TERRA

Segundo os geólogos nós estávamos muito longe ainda de uma região conhecida como “descontinuidade de Gutenberg”, que separaria o manto do núcleo, a 2.900 quilômetros de profundidade. Já havíamos, é claro, ultrapassado de muito a “descontinuidade de Mohorovicic”, separando a crosta do manto. Passáramos também da astenosfera e devíamos estar no manto profundo. Isso, se tais conceitos estivessem corretos. A existência da ourosfera não era coisa que eu pudesse prever.

— Diga, Avith... vocês têm saída pelos pólos?

— Existem. Já não as usamos com muita frequência. É perigoso.

— Imagino. Já li histórias sobre os mundos subterrâneos. Haveria até satélites prisioneiros lá por baixo...

Ela riu de novo.

— Isso já é fantasia...

Ela calou-se um momento e eu fitei os seus dedos longos, as unhas que se estreitavam nas pontas. O queixo também era afunilado, mais do que o comum.

— Avith...

— Sim?

— Poderia tirar os sapatos um instante?

Outro riso maravilhoso.

— Mas por que, Adirson?

— Quero ver como são os seus pés.

Ela os tirou rapidamente.

— Você está admirado com as minhas pontas. Já para nós, vocês são muito arredondados.

Os dedos dos pés também eram ligeiramente pontudos. Nada grotesco, se nos acostumamos com a idéia de que se trata de outra raça.

— Acha que sou feia?

— Feia? Você é linda.

Ela tornou a rir.

— Muito obrigada. Sua empregada ficou me olhando tanto! Tenho certeza que estranhou as minhas formas! Eu achei graça. Afinal, para mim a minha aparência é natural.

Tornou a calçar os sapatos e tocou a minha mão.

— Você não é racista, é?

— Eu? Nem um pouco!

Senti-me tentado a beijá-la. O impulso romântico era muito forte. Mas uma voz dentro de mim – poderia ser meu anjo da guarda – disse-me para não faze-lo. Ela poderia não gostar, sentir-se acuada naquele lugar sem saída. E eu era um cavalheiro. Depois, poderia perturba-la – e eu dependia dela para sair dali.

Rezei para que a travessia chegasse logo ao fim.

.....

— Vamos chegar! — disse ela finalmente. Respirei fundo:

— Sairemos onde? Numa cidade?

— Em Gipt, nossa capital, em nosso camadoporto.

No painel luminoso do veículo corriam mensagens numa língua estranha, e ela digitava respostas.

— Há um comitê de recepção, é claro – disse ela.

— Por que a escolheram para a missão? Qual é o seu cargo por lá?

— Eu sou uma exploradora e pesquisadora científica, e ofereci-me como embaixadora em seu mundo. Outras pessoas se ofereceram, houve uma seleção.

— E qual foi o critério que prevaleceu?

— É difícil explicar. Talvez a minha vontade fosse mais forte que a dos demais.

— Mas tem uma coisa que eu não estou conseguindo entender... o chão de vocês está de cabeça para baixo em relação ao nosso?

— Ah, não! Entendo o seu questionamento... a verdade é que faremos uma manobra pela rocha, viraremos e sairemos num

chão que é como um andar de baixo em relação ao seu chão. Adirson, o mundo interior é constituído de grandes bolsões e não rodeia todo o centro do planeta, senão haveria uma completa descontinuidade do elemento sólido.

— Mas e o problema da luz? Como é que é resolvido?

— Através de uma grande concentração elétrica, eletromagnética, em parte mantida artificialmente já que tivemos alguns milênios para aperfeiçoar o que a natureza nos ofereceu.

— Milênios, você diz?

— Quando da grande catástrofe que foi a queda da Atlântida, uma boa parte da humanidade refugiou-se no interior do mundo e desde então vimos lutando para amenizar as circunstâncias desfavoráveis. Hoje podemos afirmar que o nosso mundo interior, mesmo assemelhando-se a uma caverna descomunal, proporciona melhores condições de existência que o exterior cheio de poluição, crime organizado ou psicótico, tsumanis e agora também o efeito estufa.

— Hum... mas essa espécie de paraíso agora está ameaçada, não é isso?

Ela assumiu uma expressão bastante séria.

— Se eu negasse, estaria mentindo. Mas Deus haverá de nos ajudar.

Deu um longo suspiro e concluiu:

— Chegaremos em cinco minutos.

## 5 – Litópolis

O camadomóvel atravessou um último veio de minérios e finalmente emergiu num grande espaço aberto, estacionando no que parecia uma grande placa circular de areia vitrificada. Avith fez uns ajustes no painel do comando, desligando os sistemas do veículo e abriu a porta, fazendo sinal para que eu saltasse.

— Aqui estamos, na capital do mundo subterrâneo.

Saí do veículo para presenciar um dos panoramas mais fantásticos que já vi em minha vida. E por cinco ou dez minutos eu não consegui dizer nada, emudecido pela beleza indescritível daquele lugar.

A coisa mais parecida com a caverna em que me encontrei são aquelas ilustrações futuristas, retratando as colônias espaciais que a universidade de Princeton andou projetando na década de 1970. Um espaço circular imenso, tão grande que abrigava um microclima, com nuvens pairando por entre suas paredes. Era difícil julgar a escala daquele panorama, mas a caverna devia ter uns quatro quilômetros de largura e pelo menos uns vinte quilômetros de comprimento.

Das paredes e do teto projetavam-se aqui e ali uns enormes cristais luminosos, fluorescentes, os sóis daquele mundo fechado. Avith tinha me falado que seu povo produzia luz através do controle de energias eletromagnéticas e aqueles cristais gigantes faziam parte do sistema, sendo estimulados de alguma forma para produzir energias que mal podemos compreender. Algo como uma versão gigante dos cristais piezoelétricos que usamos em alguns eletrodomésticos. Minha irmã tinha um acendedor de fogões que usava esse tipo de eletricidade dos cristais, mas aquilo ali era uma escala incomensuravelmente maior.

Ao longo do piso curvo da cratera corria um rio de águas cristalinas, e em suas margens erguiam-se bosques e áreas residenciais. A vegetação era adaptada para a existência em espaços fechados e como não sou botânico não fui capaz de reconhecer as espécies.

Um comitê de recepção nos aguardava na beira do círculo de areia vitrificada. Homens do povo de Avith, gente “pontuda” como ela. Caminhamos ao encontro deles por cima daquela placa de vidro fosco, que me fez lembrar o ponto zero dos testes com armas atômicas no deserto de Nevada. Enquanto andava eu não tirava os olhos das pequenas nuvens pairando no “céu” do mundo subterrâneo e projetando sombras azuladas quando passavam na frente dos sóis cristalinos.

Avith me apresentou ao governador Kalimar e ao cientista chefe Arimel que lideravam a delegação encarregada de me receber. Eles me cumprimentaram de acordo com os costumes do povo da superfície.



— Ficamos felizes que tenha aceito o nosso convite, senhor Sorel. Esperávamos que tivesse tempo para passar alguns dias aqui conosco, e conhecer melhor nossa civilização, mas infelizmente não teremos esse tempo. Acabamos de captar um pronunciamento do presidente dos Estados Unidos e só temos algumas horas para evitar uma grande catástrofe. Se pudermos contar com sua cooperação.

— Farei o que puder. Mas devo preveni-lo de que não sou diplomata, sou apenas um escritor de ficção.

— Para nós isso o torna o embaixador perfeito. Mas venha. O tempo se esgota. Vamos para nossa sala de conferências, no prédio do governo. Lá o senhor poderá assistir a uma reunião de emergência onde ficará a par de toda a situação e do nosso desespero. Desespero que motivou o envio da Avith para recrutá-lo. Como eu disse, queríamos ter mais tempo para fazer tudo do modo mais diplomático e educado possível. Mas tempo é algo que não temos na presente conjuntura.

A comitiva levou-me para uma cápsula de transporte urbano. Um casulo de cristal envidraçado que se deslocava em cima de um monotrilho. Como aqueles trens de levitação magnética que os japoneses vivem testando, sem muitos resultados práticos.

A cápsula acelerou em cima do trilho enquanto eu tentava registrar em minha mente todos os detalhes daquela capital do mundo inferior. Os prédios eram pequenos, com dois andares no máximo e ficavam no meio de jardins onde brotavam árvores e cogumelos gigantes. Não existia ali a selva de concreto comum em nossas cidades. Litópolis era uma cidade-jardim onde o povo vivia em meio a plantas e fontes de água mineral cristalina.

O governador dava explicações enquanto passávamos pelos conjuntos habitacionais. – Ali é o nosso centro de recreação, ali a universidade e o ginásio de esportes. Esta caverna aloja apenas os centros administrativos e culturais. Temos outras cavernas puramente residenciais, outras que correspondem às áreas agrícolas e de produção de alimentos. Por medida de segurança evitamos concentrar todos os nossos recursos em uma única caverna.

Era uma atitude muito sábia. Depois de um passeio de uns quinze minutos chegamos ao palácio do governo, que era bastante modesto

comparado às sedes dos governos da superfície. Saltamos diante de um prédio com terraços e jardins suspensos e entramos num salão de recepção, de onde descemos para uma sala de conferências no subsolo.

Era o momento de conhecer os detalhes da crise que me trouxera até aquele lugar fantástico.

## 6 – Perigo nas profundezas

A sala de conferências era uma espécie de anfiteatro circular sob um teto abobadado. Os conferencistas e expositores ficavam no centro, sentados diante de uma mesa circular, que formava um anel, diante das fileiras de poltronas da audiência. Os textos, informações e diagramas necessários para a exposição de um problema eram projetados no teto abobadado, como se faz num rele planetário. Fiquei um pouco desapontado. Eu esperava hologramas e quadros de controle transparentes como se vê nos filmes de ficção científica e no entanto aquele centro de decisões

passaria despercebido se fosse levado para qualquer centro universitário da superfície.

Avith me conduziu para uma das fileiras dianteiras de poltrona, onde ficavam os convidados de honra. O mais perto possível da mesa circular no centro. Quando ia sentar na minha poltrona eu vi as duas loiras.

Dois mulheres jovens e bonitas que certamente eram estrangeiras ali, tanto quanto eu. Decididamente elas não eram do povo de Avith. Eram mulheres da superfície e se eu tivesse que adivinhar suas nacionalidades diria que eram escandinavas. Suecas, dinamarquesas ou norueguesas. Tinham a pele e os olhos claros, o cabelo loiro e o tipo físico dos escandinavos.

Estavam vestidas com uma espécie de pele plástica que aderira ao corpo. Muito semelhante ao traje que a Mulher Gato usa nas histórias em quadrinhos. Parecia feito de vinil, de uma cor cinza prateada lustrosa. Grudava ao corpo delas de forma tão perfeita que não

escondia nenhum detalhe da plástica perfeita daquelas duas damas.

Não sou preconceituoso, mas antipatizei com elas à primeira vista. As duas louras me olharam de um modo frio, inamistoso. E a que estava na poltrona mais próxima me lançou um olhar de desafio enquanto cruzava as pernas de um modo vulgar e provocante.

Evitei olhar novamente na direção delas enquanto falava baixinho com Avith, que se sentara ao meu lado.

— Quem são aquelas loiras?

— Depois eu te apresentarei a elas. Agora a palestra vai começar.

— Acho que eu não quero ser apresentado a elas.

— Eu compreendo, seu povo e o povo delas têm sido inimigos mortais há milênios. Mas esta crise afeta todo o planeta e precisamos passar por cima de tradições e sentimentos pessoais em nome da sobrevivência de todos. Se lhe serve de consolo eu também não gosto delas, mas isso não importa.

Eu não entendi nada daquilo, mas não pude perguntar mais nada porque o cientista chefe começou a sua palestra. Ele agradeceu a presença dos representantes dos principais povos da superfície e eu olhei em volta atônito. Na platéia só tinha eu, Avith e as duas louras. De que povos ele estava falando??

Arimel passou a falar na crise que aquele mundo, e o meu mundo enfrentavam. Avith me passou um bloco de papel e caneta, caso eu quisesse anotar alguma coisa, e eu fiz todo o possível para registrar, de modo quase taquigráfico o que dizia o orador. Para começar ele pediu que ativassem uma das telas de projeção e foi reproduzida no teto uma gravação de um pronunciamento do presidente dos Estados Unidos, gravado de um canal de notícias lá de cima:

Não parecia muito impressionante. O presidente americano começou falando na ameaça do aquecimento global e na necessidade de medidas urgentes para combater a tão falada mudança climática. Em seguida ele chamou o primeiro-ministro do Japão para ficar ao seu

lado e os dois anunciaram uma parceria Japão — Estados Unidos no projeto do Seqüestro do Carbono. A TV em seguida começou a mostrar imagens do que parecia uma enorme plataforma de exploração de petróleo no Mar do Japão, mas a transmissão foi interrompida. Arimel retomou a palavra, olhando para nós:

— Seqüestro do carbono. Achamos que eles iam desistir dessa loucura, mas as nações da superfície se recusam a mudar seus velhos hábitos e a abandonar suas tecnologias obsoletas. Como todos sabem a atual crise climática mundial já era esperada e poderia ter sido evitada se as nações da superfície tivessem progredido no aperfeiçoamento de sua base energética. A civilização do carvão e do petróleo foi um passo inevitável no desenvolvimento da civilização planetária, mas esperávamos que esta fosse apenas uma era passageira. Desde a década de 1960 que a tecnologia da superfície prometia o fim da civilização do combustível fóssil e o início da era da energia solar, da energia dos ventos e da energia das marés. Infelizmente, interesses políticos e econômicos, bem conhecidos por todos aqui, vem prolongando a era do combustível fóssil, estendendo a civilização do petróleo bem para dentro do século 21. Uma teimosia suicida que levou à situação atual. A ameaça do derretimento dos pólos e o início da era dos eventos climáticos extremos, com furacões, secas e inundações de intensidade nunca vista. Vários países vêm progredindo no desenvolvimento de alternativas. Das

fontes geotérmicas que conhecemos bem, a energia eólica ou solar. Infelizmente, as maiores potências industriais da Terra se recusam a abandonar os velhos hábitos e acreditam que podem continuar a queimar carvão e petróleo impunemente, bem dentro do terceiro milênio. A solução mágica proposta pelo presidente americano é baseada no projeto japonês do seqüestro do carbono. Em termos simples a idéia é manter as antigas usinas termoelétricas, a carvão e petróleo, e bombear o CO<sub>2</sub> que elas produzem para depósitos dentro da crosta terrestre.

O telão acima de nós voltou a mostrar imagens da plataforma em águas japonesas.

— O primeiro teste será realizado amanhã. Esta plataforma é a sonda principal do projeto Deep Hole. Ela abriu um poço aqui, na Fossa Abissal do Mar do Japão. As fossas abissais são os pontos onde as placas tectônicas são sugadas para o magma abaixo abrindo espaço para uma nova crosta formada nas dorsais oceânicas. Bombeando o gás carbônico das indústrias japonesas para o subsolo de uma fossa oceânica, eles esperam que ele seja arrastado para o interior da terra desaparecendo no magma.

Houve murmúrios de reprovação da parte do governador e dos outros conselheiros.

— Mas nós sabemos o que vai acontecer se injetarem gás sob alta pressão no magma. Ele vai aflorar



através das rachaduras e falhas geológicas que existem aqui, na planície abissal do noroeste do Pacífico. Os cientistas japoneses e americanos estão cientes desta possibilidade, mas esperam apenas uma atividade vulcânica moderada no fundo do oceano Pacífico, algo imperceptível e inofensivo para a civilização dos continentes. Eles não sabem que esse afloramento e magma será o estopim para a maior explosão que a humanidade já viu. Algo que fará suas bombas de hidrogênio parecerem brinquedos.

Aqui, na planície abissal japonesa, está um dos maiores depósitos de clatrato de todo o planeta. O clatrato é uma combinação bizarra de gelo e gás metano que só pode existir no frio e nas pressões extremas dos abismos marinhos. Os perfuradores de petróleo costumam chamá-lo de “gelo que queima” porque pedaços de clatrato chiam e estouram se trazidos para a superfície. Clatrato vem da palavra latina para gaiola porque, como podem ver neste diagrama aqui, os cristais de gelo prendem as moléculas de metano dentro de minúsculas gaiolas cristalinas. Há 55 milhões de anos uma erupção vulcânica incendiou os depósitos de clatrato do Mar do Norte provocando uma das maiores catástrofes da história desse planeta. O metano liberado pela explosão se combinou com a água do mar e o oceano virou ácido matando todos os seres vivos do Atlântico Norte. A reação química liberou gigatoneladas de gás carbônico fazendo a temperatura global subir dez graus em menos de um ano, derretendo as calotas polares e provocando catástrofes em todo o planeta. E algo semelhante está prestes a acontecer. Se

permitirmos a ativação do projeto Deep Hole, o norte do oceano Pacífico se tornará um mar morto, o mundo será devastado por ondas gigantes, tsunamis de magnitude semelhante à gerada por um impacto cometário, e a humanidade se verá diante de um efeito estufa descontrolado que acabará com a civilização da superfície.

Aqui, no interior da crosta terrestre, nós, o povo subterrâneo, sofreremos menos, mas também seremos afetados. E não podemos ficar de braços cruzados vendo bilhões de pessoas morrerem lá em cima, vendo o mar se transformar em ácido e destruir o reino de nossas aliadas, cujas representantes estão aqui conosco hoje. Temos que agir rápido, porque o Deep Hole será ativado nas próximas 48 horas, bem em cima da maior bomba de clatrato já detectada. Senhor Sorel, precisamos que viaje hoje mesmo para a plataforma Deep Hole e impeça o início dos trabalhos.

Todo mundo olhou diretamente para mim, inclusive as duas loiras arrogantes na fileira ao lado. Senti as pernas bambas, um frio na barriga e me levantei tremulo, tentando me defender.

— Senhores, senhoras, como eu disse sou apenas um escritor. Mesmo que eu pudesse viajar agora para o mar do Japão provavelmente seria preso pelas forças de segurança que guardam aquela plataforma. E eu

nem falo japonês. Eu não sei por quem vocês me tomam, mas eu não sou o James Bond, sou apenas Adirson Sorel, brasileiro, escritor de ficção científica. Porque não entram em contato com as Nações Unidas e não expõem o problema no Conselho de Segurança da ONU?

— Nós faríamos isso se tivéssemos tempo, senhor Sorel, mas não temos. Precisamos agir depressa antes que aquela sonda de gás carbônico abra as portas do magma em cima do depósito de clatrato submarino.

— O que esperam que eu faça?

O governador Kalimar se levantou e exibiu uma valise de metal, hermética, a prova de água e de pressão.

— Existe um homem que pode deter o projeto Deep Hole. O ocupante do trono do crisântemo, sua majestade o imperador do Japão. Queremos que leve esta valise para ele. Dentro há um documento, um tratado que assinamos, séculos atrás, com um de seus antepassados. O selo do antigo imperador está nesta valise. Na época evitamos um desastre nacional quando impedimos uma erupção do monte Fuji que teria devastado o país do Sol Nascente e recebemos sua gratidão. Isso foi há mais de 400 anos, mas acreditamos que o atual ocupante do trono vai honrar o acordo que firmamos com seu antepassado e aceitar nossos argumentos.

Voltei a me sentar atordoado, a cabeça girando. Depois procurei recuperar o auto-controle. Sentia-me tonto, perplexo, prestes a entrar em estado de choque.

— Tudo bem, mas se vou viajar para o Japão sugiro que me levem de volta para o Rio de Janeiro. Tenho que tirar passaporte, reservar passagem, ir ao consulado conseguir um visto.

— Não temos tempo para isso, senhor Sorel. Nós forneceremos seu transporte até Deep Hole. Avith, sugiro que partam o quanto antes. Não temos tempo a perder. Eles podem antecipar a ativação do Deep Hole.

E antes que você possa dizer sayonara, nós estávamos de novo no monotrilho, a caminho do camadoporto. Eu estava tão aturdido, tão atônito, que foi só então que reparei que eu e Avith não estávamos partindo sozinhos. Sentadas à minha esquerda, na monocápsula, estavam as duas loiras agressivas que tinham assistido a palestra-bomba conosco.

Avith percebeu o meu desconforto e disse:

— Acho que é hora de apresentá-lo às suas colegas de missão, Adirson. Estas são Aniara e Ionara, representantes da irmandade das Filhas das Ondas.

A loira mais próxima, Aniara, (ou seria Ionara) estendeu a mão para mim e eu fiquei tão surpreso com o gesto inesperado que apertei a mão dela. Era gelada, como um peixe. Tirei a mão assustado, olhando para os olhos verdes cristalinos da moça que me fitavam sem nenhum calor ou simpatia.

— Filhas das Ondas??

— Seu povo nos chama de sereias — ela disse.  
— Mas não se preocupe, senhor Sorel, vamos respeitar a trégua enquanto durar esta crise.

Senti o mundo girar em volta de mim e caí prostrado no assento. Sereias.... Era demais para mim.

## 7 – Ulisses

Fechei os olhos, fiz uma prece, e meia hora depois estava de novo dentro do camadomóvel, atravessando as camadas

geológicas. Avith estava nos controles novamente, e as duas...sereias tinham se acomodado na traseira. Tentei recuperar o controle da situação, se algum dia o tivera.

— Avith, o que está fazendo? Estamos indo para o Japão?

— Claro que não. No camadomóvel a viagem levaria uma semana e nós não temos esse tempo. Estamos a 700 quilômetros do Rio de Janeiro, lembra?

— Mas eu pensei que...

— Você vai para o Japão, mas quem vai fornecer o transporte são as damas aí atrás. Estamos subindo em direção a uma plataforma submarina que fica perto do talude continental, no fundo do oceano, duzentas milhas além da costa de Cabo Frio.

— Plataforma submarina??

— Uma bolha de ar gigante plantada no fundo do oceano, onde nos despediremos e você embarcará no transporte fornecido pela Aniara e seu povo.

Eu precisava ter uma conversa muito séria, em particular, com a Avith. Se ela estava pensando que ia me abandonar nas mãos

daquelas loiras geladas submarinas estava muito enganada. Mas eu não podia dizer nada enquanto estivéssemos no camadomóvel, Não havia privacidade alguma e as damas em questão poderiam ouvir. Elas já tinham demonstrado que podiam falar e entender o meu idioma.

A viagem de volta para a superfície foi um pouquinho mais longa do que na ida. E no lugar de emergir no quintal da minha casa, no Rio de Janeiro, saímos no fundo do mar, a 3 mil metros de profundidade, além da plataforma continental de Cabo Frio.

Talvez o leitor ache que estar no fundo do mar equivale a estar num lugar todo azul e cheio de peixinhos. Se pensa assim é porque nunca esteve lá. Estar no fundo do oceano é como estar dentro de um barril de piche, no interior de um túnel à meia noite. Por alguns minutos eu não enxerguei nada lá fora, então as luzes foram acesas e me vi diante de outro panorama tão fantástico quanto a cidade subterrânea.

O camadomóvel tinha emergido no interior de uma cúpula de cristal com mais de duzentos metros de largura. Uma imensa bolha de ar que nos protegia do frio e da pressão esmagadora do mar negro como tinta além daquelas paredes. Mas o domo submarino era o de menos naquele cenário alucinante. No centro da cúpula havia um estalagmite, uma espécie de agulha de cristal translúcido que brotava do solo e subia, atravessando o teto abobadado para desaparecer na escuridão do abismo. Pelas minhas contas aquela ponta ou agulha vítrea devia ter uns trezentos metros de comprimento por uns trinta metros de largura na base.

As duas loiras saltaram do camadomóvel e caminharam com elegância para a base da torre cristalina, onde um portal hexagonal se abriu para recebê-las. Foi nesse momento que segurei Avith pelo braço e tive a conversa séria que planejava com ela.

— Avith, espere um momento, eu não darei mais um passo se não me explicar o que vai acontecer quando entrarmos nesse negócio aí.



— Eu não vou entrar, Adirson. Eu volto daqui. As sereias o levarão até o Japão.

— De jeito nenhum. Eu não vou entrar nesse negócio com aquelas duas mulheres de maneira alguma.

— Vai entrar sim. Se ama a sua família, se não quer ver a sua irmã morrer numa catástrofe global você vai entrar naquele transporte e salvar o seu mundo. Não por mim, não por Chatlaf, mas pelas pessoas que ama, pelo seu país, pelo Papa, pela sua Igreja, por tudo o que você ama e que será devastado pelas ondas de calor e frio deflagradas pela explosão do clatrato. Agora vá!

— Mas aquelas mulheres, elas são mesmo sereias...

— São, mas você não deve ter medo delas. Aniara e Ionara foram incumbidas desta missão pelo povo delas, que é aquele que mais sofrerá se a catástrofe não for evitada. Elas podem parecer sedutoras e arrogantes porque é da natureza delas. Mas vão respeitá-lo e não farão nada com você porque sabem que pagarão com a vida se a missão fracassar. E além disso, Adirson, se existe um homem no mundo com recursos morais e éticos para resistir à sedução das sereias, este homem é você. Boa sorte.

— Vou te ver de novo, Avith?

— Claro, o mundo é pequeno.

Ela se aproximou e me beijou carinhosamente no rosto. Olhei para ela uma última vez e perguntei.

— Tem certeza de que não pode me acompanhar, e pilotar essa coisa aí, como pilota o camadamóvel?

— Não, eu não posso. A hidronave exoatmosférica é tecnologia das sereias, só elas sabem pilotar. Mas não tenha medo, é como um daqueles foguetes Polaris lançados de submarinos, só que voa com energia quântica. A viagem não será longa, você estará no Japão em trinta minutos de vôo balístico suborbital.

— Sereias, pilotando naves hipersônicas hidroáereas. Meu Deus!

— O mundo é maravilhoso, não é? E você ainda não viu nem a metade.

Não, eu não tinha visto ainda nem a metade. Me despedi de Avith e entrei na coluna de cristal. Percorri uma passagem e fui dar numa câmara facetada, onde se destacavam três enormes bolas de vidro ocas, com portas circulares para o interior. Aniara estava mexendo num painel com controles de cristal que me fez lembrar da Fortaleza da Solidão no filme do Super-Homem. Sua

colega Ionara examinava o interior de uma das bolas que eram grandes o suficiente para alojar uma pessoa de pé.

A essa altura eu já tinha aprendido a reconhecer as duas. Ionara era a mais esguia, com o corpo de uma modelo de alta costura. Aniara era mais opulenta, de busto volumoso e quadris largos, lembrando as estrelas de cinema dos anos 50, como Marilyn Monroe e Anita Ekberg.

As duas tinham pernas dignas de dançarinas e eu me perguntei onde estaria a famosa cauda de peixe. Então pensei na história da Pequena Sereia, cuja cauda vira um par de pernas quando ela vai namorar o príncipe, ou da personagem de um filme que só desenvolvia a cauda quando entrava na água. De qualquer forma eu não ia perguntar isso a elas. Aniara parou de mexer nos cristais de controle e veio falar comigo.

— Você pode ficar na câmara da direita, eu irei na do centro e Ionara na da esquerda. Pode se despir e colocar suas roupas ali naquela abertura.

— Me despir? Que história é essa... Oh meu Deus!

Ionara tinha acabado de tirar o traje de vinil e estava, como minha avó dizia, “nua em pelo”. Aniara começara a abrir o fecho na frente da roupa e seu busto volumoso estava a ponto de pular para fora do tecido. Fiquei de costas para elas imediatamente.

— Eu não vou tirar minha roupa, nem morto. E não olharei para as senhoras enquanto não se vestirem de novo, como mandam a moral e os bons costumes.

A loirona acabou de tirar a roupa e falou furiosa atrás de mim enquanto eu continuava a olhar para a parede na minha frente:

— Tudo bem, se quer entrar na câmara de aceleração vestido é problema seu. Mas trate de entrar logo, Ulisses, porque vamos puxar 30 g na decolagem e se seu corpo não estiver mergulhado em fluorocarbono vai ficar espalhado pelo piso e nós é que vamos ter que limpar toda a sujeira.

Caminhei para dentro da bola de vidro e falei, sem olhar para elas:

— Meu nome é Adirson Sorel. Não Ulisses.

A Vênus desnuda dentro da bolha mais próxima respondeu, enquanto fechava a comporta transparente:

— Ulisses se amarrou no mastro do navio para resistir aos nossos encantos. Não temos mastros nesta nave senhor Sorel, mas se quer viver para contar a história, como seu antepassado viveu, entre na bolha e feche a porta. Estamos a 60 segundos do lançamento e o programa já foi ativado.

Entrei dentro da bolha, de roupa, sapato e tudo e fechei a porta. A cápsula começou a se encher com um líquido borbulhante e eu lutei contra o pânico. Droga, não sou tri tão nem sereia, sou Adirson Sorel, brasileiro, escritor pacato de ficção e não fui treinado para esse tipo de coisa.

Pelo jeito teria que aprender na prática. O líquido subiu em torno do meu corpo, cobriu minha cabeça e me vi prendendo a respiração, lutando contra aquela coisa borbulhante que tentava entrar pelo meu nariz e pela minha boca. Acho que perdi a consciência

porque desse momento em diante esta narrativa sofre uma descontinuidade. Simplesmente não consigo me lembrar do que aconteceu no tal salto suborbital da costa de Cabo Frio para o Mar do Japão. Num momento eu estava dentro daquela bolha cheia de líquido borbulhante, lutando para não me afogar. Depois há um branco na minha mente e nas memórias seguintes eu já estava em outro lugar. Estava flutuando no mar, respirando o abençoado ar iodado. Vestia um traje de proteção térmica muito avançado e uns sujeitos, orientais, se aproximavam num bote de borracha para me resgatar.

## 8 – Hasegawa

Fui retirado do mar pelos japoneses e levado para o que parecia uma enorme plataforma *off-shore* de exploração de petróleo, não muito diferente daquelas instalações que a nossa Petrobrás tem na bacia de Campos. O problema é que só havia japoneses e americanos a bordo daquela instalação e nenhum deles sabia falar português. Nas horas seguintes fui examinado por médicos enquanto tentava me

comunicar por mímica sem qualquer sucesso. Fazia muito frio naquele lugar, ventava o tempo todo e o pessoal usava pesados agasalhos. Recebi roupas adequadas e me levaram para uma cantina onde foi servida uma refeição à base de peixe. Estava faminto e sedento e comi tudo o que foi servido.

Em seguida houve sucessivos interrogatórios onde me faziam perguntas em japonês e inglês, eu não entendia nada e respondia em português, apontando para o mapa-múndi na parede e tentando mostrar que era brasileiro, do país do futebol, da seleção, do Pelé, do Ronaldinho e da Giselle Bunchen, sem conseguir nenhum resultado prático. A plataforma era enorme e percebi que eu devia estar na base do tal projeto Deep Hole de injeção de carbono no subsolo oceânico. Eu me lembrava de toda a minha viagem fantástica, até o momento da cápsula se enchendo de líquido a bordo da nave das sereias. Mas não tinha como contar isso a eles.

Dormi num beliche, numa cabine individual, com um guarda o tempo todo na

porta. Então, três dias depois eu recebi a visita de um japonês atlético, de uns quarenta anos de idade, que me cumprimentou num português perfeito.

— Boa tarde, senhor Sorel, o senhor é do Rio de Janeiro, não é mesmo? Eu conheço São Paulo, morei lá durante seis anos. Meu nome é Ioshiro Hasegawa e eu trabalho para o Escritório de Assuntos Especiais do Ministério do Exterior do Japão.

Dizem que um dos meios de se dobrar um prisioneiro é deixá-lo incomunicável durante algum tempo e então falar com ele de modo gentil e cortês. Eu senti um alívio imenso de poder me comunicar com alguém, depois de passar 72 horas cercado de estranhos que só falavam inglês e japonês. Me veio uma felicidade imensa e um desejo de contar ao senhor Hasegawa tudo o que ele quisesse saber.

— Graças a Deus, eu estava ficando louco tentando me comunicar com essa gente. Eu fiz uma viagem incrível, fui resgatado no mar como um naufrago e tudo o que eu queria era ver minha família de novo, e poder voltar para a casa da minha irmã no Brasil.



— Acredite, senhor Sorel, isso está sendo providenciado. Mas vai compreender que primeiro precisará responder a algumas perguntas. O senhor foi encontrado flutuando no mar, usando um traje inflável de proteção térmica, dentro de uma área restrita. Isso é muito incomum.

— Eu sei, na verdade eu tive uma experiência bastante incomum. Havia uma valise comigo. Uma valise de metal lacrada, será que não a encontraram boiando no mar, perto do local onde fui resgatado?

— Sim, encontramos sim. E já está em Tóquio, sendo examinada.

— Então já sabem porque fui mandado aqui. Olhe, é imperativo que essa experiência de bombeamento de carbono no subsolo oceânico seja interrompida imediatamente. Se continuarem haverá uma catástrofe terrível.

— Não se preocupe, senhor Sorel, o projeto Deep Hole foi interrompido há três dias atrás, algumas horas antes da sua chegada.

— Verdade? Eu não sabia, fico aliviado porque...

— Eu vou lhe dizer o que nós sabemos, senhor Sorel, e em troca o senhor nos diz o que ainda não sabemos.

— Fala um português muito bom, senhor Hasegawa. Disse que morou em São Paulo.

— Sim, foi durante uma longa investigação sobre um braço da Yakuza que existia na América Latina.

— Yakuza, a máfia japonesa. Disse que trabalha no Escritório de Assuntos Especiais. Não é o nome que seu governo dá ao serviço secreto japonês?

— É o nome oficial. Agora voltando ao momento presente, não sei se o senhor sabe, mas as experiências com mísseis balísticos feitas pela Coreia do Norte, durante a década de 1990, deixaram o meu governo muito preocupado. Tão preocupado que instalamos uma rede de radares de alta potência para vigiar o céu e o espaço próximo em torno do Noroeste do pacífico. Às 5 horas e 22 minutos do dia 16, quarta-feira passada, esta rede EW disparou um alerta a respeito de um intruso reentrando na atmosfera em velocidade supersônica, 180 milhas a sudeste da instalação Deep Hole. Não era um míssil coreano, posso lhe assegurar. O objeto não identificado vinha de uma órbita inclinada no sentido sudeste-noroeste e impactou no oceano sem reduzir a velocidade. Os dados seguintes vêm da rede americana Sofar, instalada no Pacífico para acompanhar as atividades de submarinos russos. Segundo os dados da Sofar o objeto supersônico desacelerou depois de penetrar no oceano, mas manteve-se supersônico. Uma onda de choque sacudiu a instalação Deep Hole, e alguns minutos

depois houve um impacto a dois mil metros de profundidade.

— Impacto?

— O objeto submarino não identificado colidiu com a sonda do projeto Deep Hole a dois mil metros de profundidade e a destruiu. A plataforma na superfície foi sacudida mas teve apenas danos menores. A tripulação lançou barcos e lanchas para avaliar a situação e robôs desceram ao fundo do oceano para registrar imagens do que tinha acontecido. O governo norte-americano está mandando um batiscafo para cá, mas não acho que vai ajudar muito. O fundo do mar, quatro mil metros abaixo de nós, está coalhado de destroços. Destroços da nossa sonda, e fragmentos de cristal que parecem ter sido tudo o que restou da coisa que colidiu com a perfuratriz. A nave hipersônica suicida que veio do espaço, mergulhou no mar e colidiu com Deep Hole. O projeto foi interrompido até que haja uma análise e avaliação dos danos. E o senhor apareceu no mar, boiando nas ondas acima da área de desastre. Posso deduzir que estava naquele veículo extraordinário usado no ataque suicida, ou devo dizer, terrorista, contra as nossas instalações.

— Sim senhor Hasegawa, eu estava naquele veículo, mas como passageiro involuntário, não como tripulante. Aquelas malucas extrapolaram suas ordens. Elas deviam me trazer aqui, mas resolveram agir de modo drástico contra o Deep Hole. Um ataque kamikaze contra uma instalação japonesa. Não deixa de ser irônico.

— Aquelas malucas... Que malucas??

— As loiras nuas, as sereias... Mas não espero que entenda ou acredite em mim. Pelo menos elas me ejetaram do veículo antes de se matarem...

— Eu não estou aqui para isso. Eu trouxe umas roupas para o senhor. Foram compradas nas melhores lojas de Tóquio, hoje de manhã. Vista-se por favor, há um helicóptero a nossa espera.

— Para onde vão me levar? Para a prisão?

— Não, o senhor é esperado no palácio imperial em Tóquio. Terá uma audiência com o imperador. E não devemos chegar atrasados.

## Epílogo

“Querida Virgínia, estou escrevendo esse e-mail para você a 10 mil metros de altura, na classe executiva de um Boeing da Japan Airlines, em vôo para o Rio de Janeiro. Espero que esteja à minha espera, você e a Sofia, quando eu desembarcar no Tom Jobim dentro de mais doze horas. Vou passar 24 horas dentro deste avião e como não consigo dormir em aviões estou aproveitando para colocar no papel toda a experiência fantástica porque passei e aproveitando para dar um alô para vocês. Tirei

umas fotos do palácio imperial em Tóquio e do monte Fuji erguendo seu cume por cima das cerejeiras em flor. A audiência foi muito formal, o imperador e a imperatriz do Japão me agradeceram pelos meus esforços, garantiram que o projeto Deep Hole não será retomado e me fizeram depositário de seus votos de eterna gratidão para com o povo subterrâneo. Mensagem que eu pretendo transmitir a Avith se reencontrá-la algum dia.

A imprensa mundial foi informada de que problemas técnicos levaram à interrupção do projeto do seqüestro do carbono e isso é tudo o que o mundo vai ficar sabendo. A existência do povo subterrâneo continuará sendo ignorada pela maior parte da humanidade, assim como a existência de um outro povo, oculto sob as ondas dos oceanos. Mas curiosamente ninguém me fez jurar segredo ou me aconselhou a manter a boca fechada, Pelo contrário, o senhor Hasegawa, o homem do serviço secreto japonês, foi franco comigo. “Se quiser escrever um relato de sua aventura, e publicá-lo, senhor Sorel, não faremos objeção. O senhor é um escritor de ficção científica e ninguém vai levar a sério o que escrever. Será apenas outra história fantástica sobre abduções e seres estranhos que fazem parte da sua profissão. Espero que venda bastante, como best-seller. Eu vou gostar de ler.

Francamente, eu já estou colocando essas memórias no papel, mas não sei se vou publicá-las na íntegra. A parte das sereias foi um tanto absurda e constrangedora demais. Mas vou escrever sobre Avith,

como um meio de manter sua lembrança viva em minha memória. Ela foi a melhor coisa que me aconteceu em toda esta jornada incrível e sei que vou revê-la algum dia.

Abrço, e muita saudade do seu irmão

Adirson Sorel.”